

Os nossos autographos

Depois do baile

(Ao Pedro Borges)

Sim! Como um dia de setembro, um dia
De accesa luz e fortes esplendores;
Como a alegria festival das flores,
Sinto voltar enfim minha alegria...

Na magna foi-se-me a legião sombria,
De face têm-me novamente as cores,
E pão-se-me do feito os desabores
Que tornaram-me a vida escura e fria.

Novos pontos vellos fazem nos sepulcros...
Novos pontos brotaram-me, em te pondo,
O' flor morena de sorrisos fulcros!

Não doices, pois, viver por entre abrolhos
E amor, querida, que me vem nascendo
As encantos paradisios dos teus olhos.

Antonio Chaves

Aguardando

*Até que enfim chegaste Amor que ha muito eu via
nos meus sonhos. Chegaste, e uma existencia activa
tenho agora. Entretanto, eu quero ter, bem viva,
a suave impressão que me empolgou . . . Um dia,*

*quando for minha a terna amante compassiva,
que fez voltar á vida a quem ja não vivia,
hei de espancar a sorte estranha, que seria
a estranha morte de minha alma rediviva . . .*

*Olha, Formosa: tem confiança em mim. Desejo
que um dia se apresente o captivante ensejo,
para exprimir-te todo o amor que me avassalla.*

*Então verás que ha muito esperava esse instante
feliz. Hei de apertar-te o peito, palpitante,
e has de sentir o amor fremente que me abala.*

Em—26—setembro—909.

Eudoxie Neves.

CARLOS D. FERNANDES

Despacho telegraphico expedido para a imprensa local dá-nos a boa nova de que o exm. sr. Presidente da Republica assignou decreto perdoando ao insigne literato Carlos D. Fernandes, que cumpria pena no Estado de Pernambuco.

Quando, ha poucos mezes, uma avalanche luminosa de academicos de direito, amiga do impecavel auctor da «Renegada», promovia em Recife, entre os seus collegas, um abaixo assignado solicitando ao dr. Nilo Peçanha esta justa clemencia: uma outra pleiade de estudantes não menos valorosa, empunhando o gladio da lei, combatia apaixonadamente a ideia magnanima de seus generosos confrades. Os jovens combatentes que tão precocemente se compenetravam da rija austeridade de juizes, comprovando o merito do bizarro bellitrista, escusavam-se, todavia, do

sublime sentimentalismo que empolgára a alma aberta dos seus exaltados admiradores.

A generosa solicitação, porem, encontrou echo no coração bondoso do preclaro estadista que dirige brillantemente os destinos do paiz, e Carlos D. Fernandes viu cahir sobre a sua cabeça aureolada de glorias, o pallio do perdão.

Não somos absolutamente dos que deslumbrados ao fulgor de uma extranha intelligencia não podem prescrutar-lhe as sombras do crime. Não. Mas si o escriptor parahybano é um criminoso, como afirma o Egregio Tribunal que o julgou, nós, inspirados nos nobres sentimentos dos seus esperançosos amigos, achamos que seria tambem um crime concordar que persistisse encarcerada uma bonita aguia do talento.

Assim, pois, louvando o bellissimo acto do valente regenerador do Estado, do Rio, mandamos vivo prolfaga ao fino artista da «Canção de Vesta», de envolta com a nossa profunda admiração.

A morte de Rabelais

Rabelais, todos sabem, foi religioso. Recebeu ordens sacras; chegou mesmo a ser vigário de um pequeno curato.

Não parece que a sua fé fosse, entretanto, muito forte.

Acabavam de lhe dar a extrema-unção e elle disse que lhe tinham engraxado as botas para a grande viagem.

O frade que fizera a cerimonia, perguntou-lhe então si acreditava que Christo estivesse realmente na hostia consagrada. Rabelais, querendo chamal-o «burro» — grande amabilidade, como se vê! — e lembrando que Jesus entrara em Jerusalém levado por um animal daquella especie, replicou-lhe que acreditava. Acrescentou que acreditava tanto mais quanto o Christo acabava de entrar no seu quarto, tal qual como entrara em Jerusalém...

Vestiram-lhe então o habito beneditino que até certo ponto se parece com a roupa carnavalesca dos *dominós*. E Rabelais, fazendo um calembour, disse a phrase latina:

«Beati qui moriuntur in domino». A phrase quer dizer «Felizesos que morrem no Senhor!» mas elle a dizia com a pronuncia franceza, que accentua a terminação em «o», como se fosse «Felizesos que morrem vestidos de dominó.»

Não parou ahi. Annunciou que tinha um testamento para dictar. O religioso que lhe assistia aos ultimos momentos preparou-se para o escrever e elle dictou:

«Não tenho nem um vintem; devo muito. O resto deixo aos pobres...»

Por fim, como viu que o pagem de um cardeal amigo vinha indagar do seu estado de saude, elle mesmo expoz o caso: «Conta a teu amo com que bom humor tu me encontras. Vou ver si encontro um grande «talvez»...»

Pouco mais ponde dizer. Dahi a instantes, sentindo que a morte estava muito perto, deu ainda uma risada e exclamou: «Baixem o panno: a comedia está representada.»

Medeiros e Albuquerque.

(EM VOZ ALTA)

Poema da magua

A prodiga gentileza do Saraiva de Lemos — este espirito simples e modesto que tem, sob as estrias d'oiro de fulgido talento, a perfectibilidade dum coração — fez-me abriros olhos a bysantina brochura por onde Antonio Chaves derrama inéditas blandicias, deliciosos, limpidos descantes.

Ao piauihyense que assigna o Poema da Magua sobram qualidades boas de poeta, mingua qualidades optimas de artista: ha no seu verso cálidas ternuras; ausencia de maximos preceitos artisticos; inspirações suavissimas; e, às vezes, o entusiasmo desse cycloptico lirismo brasileiro de que o cantor d'Os Escravos, o Bilac e o Alberto são os maravilhosos interpretes supremos.

Taes qualidades intensamente se mostram nos versos seguintes:

No teu bandolim, creança,
Dizem-me todos baixinho,
Que em rufos d'azas não cança
De chorar um passarinho.

Uns me dizem ser canario,
Outros, ser um gaturamo
Que, n'um chorar doce e vario,
Parece dizer: — eu te amo!

Afirmam outros, agora,
Com demais sinceridade,
Ser uma rola que chora
De desespero e saudade...

Ai! meu amor! vem, acalma
A minha angustia sem fim...
Ouve: o que chora é minh'alma
Dentro do teu bandolim.

Ou nos cuidados bocagianos tercêttos abaixo:

Ai! não coubera em mim tanta alegria,
Si em ti qualquer transformação houvesse,
E eu visse quente a tua carne fria...

A tua carne onde gentis, morenos,
Brincam dois passaros de amor, e cresce
Toda belleza plastica de Venus.

Pois é pena, mulher, que em forte ancio,
A palpitar vertiginosamente,
Não tenhas vivo um coração no seio...

Novos amores

Novos amores, sim. Essa que eu amo agora
—Imagem deslumbrante e meiga da Ternura,
Impera fortemente em minh'alma que a adora,
E fulge no meu sonho ingenuamente pura.

Amo-a muito, demais... E este amor mais enflora
Minha existencia alegre e cheia de ventura.
—Amôr—dôce, serena e rutilante aurora,
Amor, que chega quasi ao delirio e á loucura.

E' que ella é o meu ideal e o sol da minha vida,
Tanto que ao vel-a assim, tão bella e tão querida,
Ambiciono possuil-a inteiramente minha.

E onde quer que ella vá e onde quer que ella ande,
Como prova de amor terá, sincero e grande,
Meu coração de poeta aos seus pés de Rainha.

P. B.

Quainda nestas duas doces quadras d'en-
cantar—quadras evocadoras das trovas saudo-
sas e lindas desse rincão d'Europa ajardinado
que as aguas do Tejo, crystallisadas, irrigam:

De longe viemos andando
Errantes cahir aqui;
Tu cabiste em me deixand',
Em te deixando eu cahí.

Agora, triste, sem calma,
No meio dessa afflicção
O desespero tens n'alma,
Eu tenho-o no coração.

Eu disse minguares qualidades optimas
de artista ao poeta piauihyense. Mas, o autor
do poema sobre o qual estamos a discorrer,
pode, victoriosamente, adquiril-as desde o mo-
mento em que, orientado de um modo diver-
so, encaminhar suas aptidões incontestes para
outros pontos que não esse onde se afundam
os lyricos da pieguice (e onde não se afundou
por ter talento),—egoistas ferozes, concentra-
dos no proprio eu, pauperrimos de altos, digni-
ficantes estudos, restringindo o horizonte in-

tellectual ás caricias generalizadas que o ins-
tinto da reproducção acorda nas femeas, sem
ver e sem ouvir em torno a brazileira natureza
que faz, na Primavera, exposições do magico
thezoiro dos fabularios asiaticos, ou desenrola
na epoca das seccas scenas tragicas de Greene,
de Shakspeare e Marlon e põe nas caatingas ras-
teiras, que o Sol abraza sem um perdão, infer-
nos do Dante, ranger de dentes e rugir de
pragas.

Os poetas do actual momento literario,
aquelles, è claro, que, como Antonio Chaves,
possuem talento, precisam encher a nossa po-
esia d'um sopro vivificante, preocuparem-se,
serenos e fortes, das cousas sans e dignifica-
doras, nunca jamais imitando figurinos d'Eu-
ropa, pois que, em materia de arte, dizer-se o
que se não sente è inferioridade manifesta, è
ignorancia relapsa.

Antonio Chaves, repito, è inspirado, ex-
pontaneo, sincero—requisitos proprios d'um
bom, d'um legitimo poeta e que, sábia e pun-
jantemente dirigidos, e cercados de sadios es-
tudos, farão do cantor das maguas de uma uni-

ca mulher um grande poeta das dores universaes, do purificador altruismo, das ancestrabilidades gloriosas, do agigantado e superiosisante symbolo de Patria.

Ainda estas quatro estrophes, que me não furtarei de transcrever, mostram claramente a verdade das affirmações expendidas:

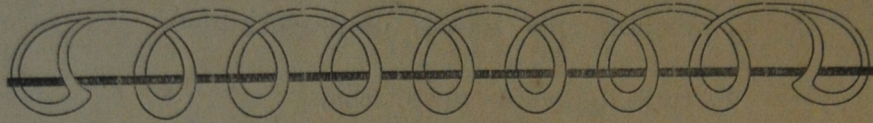
Ando a vagar pela floresta
De minha magua ensanguentada,
Tudo porque nasci com esta
Alma tão grande e apaixonada.

Hão de concordar os criticos comigo que ali explende, embora se não attinja ao numero dos bons versos anciosamente procurados por Taine, a alma de um poeta no exato entendi-

mento do fulgido vocabulo,—restando-lhe apenas, a meu vér, para que seja grande, considerar modelos maximos uns Serções de Euclides da Cunha—a biblia da nacionalidade—, de Bilac umas Viagens—e uns Caçador d'Esmeraldas; uns massuculos volumes tal o segundo das Poesias do Alberto; e encarar a arte do Verso como um phenomeno utilissimo, como a sagração dos heróes, a inspiradora de liberdades, dos affligidos o consolo, o lenço que vive piedosamente a acenar para os que sentem a lagrima tremer na pupilla dos olhos . . .

Recife, Setembro—909.

José Campello.



O MONGE

Dentre de um grande e placido convento
Entre esgoias palmeiras levantado,
Resa tristonho um monge abandonado,
Tendo em cousas do céu seu pensamento.

O sel, que lá no occaso morre lento
Por entre errantes nuvens afogado,
Triste lança um olhar assim maguado,
Assim saudoso, á terra e ao firmamento...

E anoitece. Longinqua serenata
Soloçante se perde vagarosa
No silencio do luar, lá muito longe...

E ali naquella paz immensa e grata
Ainda resa, com voz lenta o piedosa,
O ermo, tristonho e socegado monge.

Solen Turtado

30-9-909

A UM CORPETE

Tenho inveja de ti, inveja ardente,
Quando, ó corpete de setim, opprimes
Esse corpo gentil que inspira a gente
A praticar o mais feliz dos crimes. . .

E a transbordar de venturoso aneio
Fico, em te vendo rendilhado e justo,
Mostrando as curvas desse lindo seio,
Realçando as fórmãs desse lindo busto.

A G.

Pasta Myrtis



Attesto que tenho empregado, com os melhores resultados, na minha clinica a pasta «Myrtis» do sr. José R. da Fonseca que pelas suas excellentes qualidades tonicãs, aromaticas e estimulantes colloca-se entre as primeiras congeneres.

Theresina, 10 de Setembro de 1909.

João Pinheiro

Cirurgião-dentista.

Reconheço a firma supra do cirurgião dentista João Pinheiro; do que dou fé.—Theresina, 17 de setembro de 1909.

O Tabellião publico

Samuel Cunha.

HYMNO DE MALDIÇÃO

(Ao meu anniversario)

Flammeje o Sol do Odio torturando
A floresta do Amor. Queimem-se os ninhos.
As limpidas estrellas, verminando,
Cubram o azul de cancos escarninhos.

Dos Abutres da Dôr o negro bando
Devore os corações. Pelos caminhos,
Em contorções crueis, vão se mudando
Em morcegos feras, os passarinhos.

E tudo degenera neste dia,
Porque, abandonando a crença pura,
O proprio Deus desfez-se em heresia.

Pois sabeis que no dia que hoje passa,
Minha Mãe que era a Santa da Ternura
Deu á luz a um Aborto da Desgraça!

Gelso Sinheiro.

Novembro de 1908.

TRACOS & TRÓÇAS

CARICATURA

v

E' o mais «smart» dos redactores da «Alvorada». Quinto annista, no Lyceu Piuhyense, é dos mais applicados estudantes daquelle estabelecimento.

Tem publicado em a nossa revista alguns sonetos e poesias bem acabadas, mas a modestia faz com que as suas produções nunca tragam o seu nome por completo, ficando sempre occulto por duas iniciaes que se confundem com as de um dos nossos poetas já não muito em evidencia.

Filho unico de um velho capitalista e deputado estadual, elle embora não abuse da bondade do pai, sabe, comtudo, viver decente

e folgadoamente no meio onde é conhecido e admirado pelos collegas.

Até hoje ainda não podemos descobrir a Dulcinéa dos seus sonhos e phantasias; sabemos, porém, que nos seus passeios prefere sempre um dos mais sympathicos arrabaldes desta cidade.

Quando aqui estive o Pontes, foi um dos exaltados admiradores da Aida, de quem ainda hoje fala com saudade e arrebatamento.

Nos bailes e nas prendas-intallivel...

E' das moças querido, e até parece Que, sem ellas passar, é impossivel, Porém apenas de uma não se esquece.

JOANPECELZI.

CARTA SEM SELLO

Ilustre prof. J. Siqueira:

Tenho lido, com muita attenção, nos «Traços & Trôças» da Alvorada, os lindos pensamentos de V.S.^a E, com sinceridade, confesso que ha muito não encontrava cousa que tanto satisfizesse a minha exigencia, em materia de literatura.

E' inegavel que V.S.^a bem pôde ser comparado ao nosso grande Marquez de Maricá... ou ao conselheiro Accacio, do mestre Eça de Queiroz.

O que é preciso é não esmorecer, meu mestre professor.

A estréa de V.S.^a foi uma revelação.

Agora, um pequeno reparo, ou melhor — um favorzinho:

Não torne a falar mal dos homens sem dinheiro... V.S.^a ha de dizer que nunca fez semelhante cousa ou, por outra, que não teve intenção de nos offender (o autor desta carta está em o n.º dos homens classificados por V.S.^a). A verdade porém, é que aquella comparação do primeiro pensamento está rigorosa demais... Chamar «esqueletos navegantes» a nós todos, homens serios, paes de famílias e rapazes que andam doidos por encontrar noivas! Oh! isto é doloroso. Seja mais condescendente, professor. Tenha pena da humanidade. Não aumente a afflicção do seu discipulo e admirador.

João SindaHyba.

Secção elegante

DE RELANCE

Não dança. Formosa, infinitamente symmetrica, e, em extremo, retrahida, é a dona deste perfil, cujo nome parece dizer justamente que ella é.

Morena, de talhe bem feito e de compleição regular, possui uns olhos tão lindos que excitamos aqui em comparal-os aos de Santa.

...to affavel, tem a suprema felicidade transparecer em a sua conversação toda a bondade de sua alma, toda a pureza do coração de moça bem educada

...da de um nosso distincto colgado jornalista piauiense—...dosa, lembrando-se talvez do seu querido irmão.

...as praças desta cidade

...ão...
...escolhos

Adenis.

...o annuncio

...ilia, que

...dá li-

...os ti-

...mi-

...de

véz dos seculos, desde Ovidio... Mas a pratica! Para exercitar os discipulos, ella teve de os obrigar, um por um, e isoladamente, a que lhe lancem olhadellas ardentes, lhe arrebatem a mão num vão de janella, se ajoelhem aos seus pés, balbuciando promessas de felicidade eterna! Enaturalmente tem de emendar, de corrigir...

—O cavalheiro tem a bondade de me murmurar ao ouvido esse «amo-te!» com mais entusiasmo! Ainda mais! Que a voz trema e supplique! Bem! Agora o beijo, o beijo roubado!... Perdão não é assim... está muito longe de ser assim! Faça favor de me agarrar a cabeça com as mãos, de me beijar a testa, depois os olhos, um por um, de vagar, com solemnidade, com religião... Mais calor neste beijo, senhor, mais calor!... Outra vez! E' necessario fazer outra vez! Bem! agora de joelhos no chão, e lançar-me os braços à cinta... Mais força, senhor! Pelo amor de Deus, mais força!

Assim ella exercitaria os seus discipulos, a doce rapariga de Chicago.

E tudo isso a preços reduzidos!

Oh! Essa America do Norte! Quanta alegria e phantasia se teria perdido, se Christovam Colombo não tivesse voltado para essas praias incertas a prôa da caravella «Santa Maria»!

*

Conforme noticiámos, realizou-se, no dia 16, com a assistencia de innumeradas senhoras e cavalheiros de nossa melhor sociedade o casamento civil e religioso do nosso amigo Francisco dos Santos e Silva com a gentil senhorita Selsa Veras.

No dia seguinte ao do casamento, houve, na casa dos noivos, lauto almoço, durante o qual se fizeram ouvir diversos oradores, e, á noite, teve lugar esplendido baile, que se prolongou até alta madrugada.

deseja muitas felicidades aos re-

Lirios

Completaram annos:

No dia 21—a formosa senhorita Zequi-
nha Lebre;

No dia 24—o nosso amigo, tenente Ray-
mundo Campello;

No dia 25—o nosso não menos distincto

amigo e intelligente maéstro Pedro de Alcan-
tara Fillio;

No dia 27—a competente educadora, d.
Sinhá Borges; e a gentil senhorita Sinhasinha
Oliveira;

No dia 28—a graciosa senhorita Bellinha
Campello.

Hoje—d. Laura Nunes, querida e virtuosa
esposa do nosso amigo Euripedes Nunes.

NOTAS

Offertas que honram

Temos sobre a nossa modesta banca de trabalhos,—«Um manicaca», romance de costumes piauihyenses de Abdias Neves, editado pela «Libro Papelaria Vêras» e «Dous egressos da farda» (o sr. Euclides da Cunha e o sr. Alberto Rangel), por Felix Pacheco.

Dois trabalhos importantes e além disso, escriptos por dois piauihyenses de incontestaveis merecimentos intellectuaes. «Alvorada» só tem motivos para se sentir immensamente desvanecida com semelhantes offertas, promettendo dizer em o seu proximo n.º alguma coisa sobre os dois esplendidos livros.

A Felix Pacheco e a Abdias Neves, os nossos mais sinceros agradecimentos.

—Mudou a sua residencia para a rua Ruy Barbosa—Estrada Nova n.º o nosso companheiro e redactor-secretario Jonathas Baptista.

Toda e qualquer correspondencia, quer particular, quer para esta revista, deve ser enviada conforme a indicação acima.

—Recebemos e agradecemos o n.º 35 do «Archivo maçónico», importante revista de informações e propaganda que se publica mensalmente, em Recife. O n.º que temos a vista insere os retratos de Henry & Palmer e Dr. Thomaz Soriano de Sousa. A elegante revista vem cheia de optimos artigos.

—A breve passeio seguio ha pouca para Livramento, o nosso illustre ar-
Dr. Mathias Olympio, talentoso red-
chefe do Piauihy.

«Alvorada» deseja muitas
desao digno viajante.

—Terá logar amanhã, no theatro «Qua-
tro de setembro», a representação do apia-
ratoso e bem escripto drama em qua-
actos, intitulado «Antonio Conselheiro
ou a «Revolução de Canudos».

Sabemos que tomarão parte no me-
mo, alem dos actores e actrizes do grupo
Genuino de Oliveira, diversos amad-
theresinenses. O espectaculo promette
um dos mais animados da tempo-
presente.

«Alvorada» tem assistido alguns
saio e garante aos seus leitores que
papéis foram bem distribuidos e
têm trabalhado no intuito de be-
dar a familia theresinense.

Esperamos que há de ser
bem agradavel a de amanhã.

—Recomeçaram, no
cio da Sociedade dos
commerciado Rio, as
rias, suspensas desde
onal. Coelho Neto

«A poesia do olh
querque já dev
bre «A incon-
vent femme

ceiro insc

Shakspe

essa in

lavra

ine